

Era uma vez um homem rico que tinha uma mulher que adoeceu e que, quando sentiu o seu fim aproximar-se, chamou a filha única à cabeceira dizendo-lhe: «Querida filha continua piedosa e boa que o bom Deus virá sempre em teu auxílio e eu lá do céu velarei por ti.» E depois disto fechou os olhos e morreu. A filha ia todos os dias ao túmulo da mãe chorar e continuou piedosa e boa. Quando o Inverno chegou a neve cobriu o túmulo com um tapete branco e, na altura em que o sol da Primavera o derreteu, o homem casou-se outra vez.

A mulher trouxe duas filhas que eram lindas e brancas no rosto mas feias e negras no coração. E começaram então os tormentos para a pobre enteada. «Esta pata-choca vai ficar connosco na sala?», disseram. «Quem quer comer pão tem que o ganhar; fora porca-lhona!» Tiraram-lhe os lindos vestidos, vestiram-lhe uns trapos cinzentos e calçaram-lhe tamancos de madeira. «Olhem só para a linda princesa, vejam como ela está elegante!» disseram rindo. E levaram-na para a cozinha. E aí teve que trabalhar duramente de manhã à noite, levantar-se antes do nascer do sol, ir buscar água, acender o lume, tratar da comida e lavar a roupa. E como se isto ainda não bastasse, as duas irmãs faziam-lhe todas as patifarias possíveis, troçavam dela,

misturavam-lhe as ervilhas e as lentilhas obrigando-a a ficar na cozinha para as separar de novo. Quando chegava à noite, extenuada do trabalho, não tinha uma cama para descansar tendo que se deitar perto da lareira, nas cinzas. Como ficava com um ar empoeirado e sujo chamavam-lhe a Gata Borralheira.

Então um dia, o pai foi à feira e perguntou às duas enteadas o que é que queriam que lhes trouxesse. «Lindos vestidos», disse uma. «Pérolas e pedras preciosas», disse a outra. «E tu, Gata Borralheira, o que é que queres?», perguntou. — Pai, o primeiro ramo que no caminho do regresso bata no seu chapéu, colha-o para mim.» E, assim, ele comprou para as duas irmãs lindos vestidos, pérolas e pedras preciosas. No caminho do regresso, quando passava a cavalo por um bosque verdejante, um ramo de aveleira roçou-o e tirou-lhe o chapéu. Quebrou o ramo e levou-o consigo. Chegado a casa, deu às enteadas o que lhe tinham pedido e à Gata Borralheira o ramo. Ela agradeceu-lhe, foi junto do túmulo da mãe, plantou o ramo e chorou tanto que as lágrimas o regaram; assim foi crescendo e tornou-se uma bela árvore. E três vezes por dia a Gata Borralheira ia chorar e rezar debaixo da sua árvore; de todas as vezes, um pequeno pássaro branco poisava e, quando ela exprimia um desejo, o pássaro deixava cair entre as suas mãos o que ela tinha desejado.

Ora acontece que o rei deu uma festa que devia durar três dias e convidou todas as lindas raparigas do país para que o filho pudesse escolher uma noiva. Quando as duas irmãs souberam que também iriam, ficaram doidas de alegria, chamaram a Gata Borralheira e disseram-lhe: «Penteia-nos os cabelos, escova os nossos sapatos e aperta bem as fivelas porque vamos ao noivado no castelo do rei.» A Gata Borralheira obedeceu, mas chorou muito, porque também queria ir ao